

Medo do Escuro: Uma análise do medo de recrutar homens negros para o exército durante a Guerra de Secessão e do Paraguai. 1862-1868

D'Castro, Eduardo Felipe S*
Mendonça, Luciano Lima**

–“Eu sou irmão dos dragões e companheiro das corujas.
A pele que me recobre é negra e meus ossos estão calcinados pela dor.”
-JÓ, capítulo 30, versículos 29-30

Durante a deambulação por livros e artigos acerca da Guerra de Secessão e do Paraguai acabei por me deparar com uma realidade dupla. Na primeira delas uma série de números e índices que versavam sobre número de mortos, feridos e desaparecidos mas que não lhe permitiam voz para dizer quem eram, já na outra realidade percebi uma valorização do homem negro e de sua participação nessas duas guerras dando-lhe, de certa maneira, vida. Pude analisar autores de base fundamentadas no pensamento e análise marxista, mas que apresentavam características dessas duas realidades que falei, por exemplo, tive o prazer de encontrar o tema em “A Era do Capital” de Eric J. Hobsbawm. Ao que me parece além do preconceito clássico de Hobsbawm com os países subdesenvolvidos, dos quais em muitos trechos de sua obra fala com certo desdém, me parece também que prefere as estatísticas a dar voz as pessoas que participaram desses conflitos e dizendo que aconteceram por mera discórdia política e econômica. Um pecado, pois é preciso considerar as múltiplas faces do prisma da história e leva-los em consideração.

Analisando o restante de minha bibliografia inicial percebo finalmente que da metade do século XX para cá houve uma mudança interessante e ao mesmo tempo crucial na maneira de ver o negro como ator da História. O negro antes esquecido e marginalizado pela História passa a integrar as páginas dos livros timidamente. Podemos observar que esse mesmo negro foi citado pelos americanos como presente na formação de seu país, mas

* **Eduardo Felipe Silvestre D'Castro** é graduando em História da Universidade Federal de Campina Grande, bolsista do Programa de Ensino Tutorial História/UFCG.

** **Luciano Mendonça de Lima** é Doutor em História Social pela Unicamp, leciona na Universidade Federal de Campina Grande vinculado também ao programa de Pós-Graduação em História. Tem sua atenção voltada para estudos sobre a história escravidão no Brasil e para a história da África, também está vinculado ao NEAD (Núcleo de Estudos Afro-descendentes).

não como sujeito atuante e influenciador como infelizmente fez Sparks (1960) e felizmente não fez Naro (1987) que no fim da década de 1980 preocupou-se com o perfil atuante do negro no constituir da História. Uma vez sendo reconhecido com agente influenciador da história o negro também passa a tomar personalidade, aquela que antes fora de dor e sofrimento passa para a de revolucionário, mas muito mais satisfatoriamente (e justamente) lhe é atribuída a condição de ser sensível no fim da década de 1990 em trabalhos muito bem elaborados com o de Slenes e Mattos de Castro.

Senso assim, desenvolvemos este artigo com finalidade de demonstrar como o afro-descendente participou na Guerra de Secessão Americana e na Guerra do Paraguai e como através delas começou a dar seus primeiros passos para seu processo de inserção-cidadã no continente americano.

Como já foi esboçado, gostaríamos de transmitir como o negro saiu da condição de marginalizado para tomar lugar naquilo que podemos considerar como *res pública* do sistema social no qual estava inserido. Com essa idéia partimos da Guerra de Secessão e do Paraguai que permearam as duas sociedades americanas e que até hoje são pólos em seus limites de influência quer seja economicamente, politicamente, socialmente ou culturalmente – o Brasil na América do Sul e os Estados Unidos na América do Norte – gostaríamos de tratar um pouco como foram dados os primeiros passos para a superação da contradição entre a definição dessas sociedades que diziam que todos os homens compartilhavam da mesma essência existencial, mas ao mesmo tempo desdobravam sobre o negro escravo todo o peso de suas relações de força através da exploração e opressão no que concerne hoje a nossa elaboração de sentido cívico e moral.

O legado da Guerra Civil (e do Paraguai também) acabou sendo a transmissão para o negro de uma condição ambígua: a de ser nem escravo e nem cidadão. O negro passaria ainda muitos anos como um membro de um sistema de castas e viveria como um cidadão de segunda classe numa sociedade que, desde o século XVIII, tinha se manifestado a favor da proposta de que “todos os homens são criados iguais”. (NARO, 1987, p.38, parênteses nosso)

Para isso fizemos uso intenso de uma bibliografia que trata do assunto tanto no caso do Brasil quanto nos Estados Unidos e de fontes primárias contemporâneas a Guerra de

Secessão obtidas através do *New York Times Archives*¹. Com esse material é nosso desejo esclarecer também uma série de contrastes e similaridades entre os dois conflitos. E graças à rede de telégrafos inventada por Samuel Morse na primeira metade do século XIX, “ajudando os jornais a divulgarem as notícias mais recentes”², assim o *New York Times* contou com atrasos pequenos de informação até sua sede em Nova Iorque em relação a outros jornais como os brasileiros, nas palavras de Eric J. Hobsbawn:

(...) estas guerras podiam ser promovidas com a nova tecnologia do capitalismo. (Já que esta tecnologia, através da câmara e do telégrafo também havia transformado a cobertura das guerras na imprensa, trazendo sua realidade mais vividamente diante do público literato(...))
(HOBSBAWN, 1990, p.92)

Esse material nos foi fundamental, em primeiro lugar pela “promoção da guerra” levada pelas páginas do jornal a uma quantidade substancial de pessoas, em segundo lugar pela rapidez com que os telégrafos permitiram aos correspondentes enviar notícias e fazer com que a informação atingisse as massas Também acreditamos que o jornal nos permite depararmos com a relação da imprensa com o governo e a guerra, em segundo lugar com os homens negros, e assim justificamos o uso desse tipo de suporte de informação.

Iminência de Guerra: antecedentes das duas guerras.

O continente americano parece ter vivido intensamente o século XIX no que diz respeito aos escravos. Nosso discernimento histórico também nos permite afirmar que esse século foi um século de abolições. O século XIX também foi século da efetivação da Independência Haitiana que por sua vez propagou pelos países de regime escravista certo receio de que essa mesma revolução acontecesse em seu território nacional, também foi o século da emancipação dos homens negros nos Estados Unidos, da Lei Áurea no Brasil. Já a partir do século XVIII temos uma intensa discussão a nível ocidental sobre os direitos civis do homem dando origem a noção de cidadania, patriotismo, nação etc. etc. etc. O século XIX também foi um século de estudos sobre as sociedades primitivas pela antropologia e de outros estudos ditos científicos que legaram ao homem não branco e

¹ *New York Times*© *Archives* é uma instituição privada e parte de seus arquivos são disponibilizados também em www.nytimes.com e através do programa de rastreamento de arquivos ProQuest.

² (SINGH, p.79, 2001)

européu a tarja de primitivos, inferiores, pouco desenvolvidos entre outros adjetivos que os desclassificavam para a ordem da sociedade civilizada.

No entanto, embora essas perspectivas tenham atingido os Estados Unidos e o Brasil elas aparentemente tomaram um ritmo diferente. Quero dizer que as noções que sustentavam o racismo, a segregação e sobretudo a escravidão, embora também estivessem ligadas ao pensamento científico do século XIX não foram somente elas que deram processo a escravidão e as duas guerras. Para ficar mais claro: não foram somente fatores materiais que causaram as guerras (mesmo que se diga que o escravo era considerado com um bem inventariável), mas fatores culturais novos que se chocavam os fatores mais conservadores. Os Estados Unidos ao longo do século XIX desde a eleição de Andrew Jackson para presidente até a eleição de Abraham Lincoln passou na sua política pela inserção de doutrinas e valores que prediziam a abolição: a democracia jacksoniana de igualitarismo, o abolicionismo dos Quacres, as opiniões da imprensa como a pregada pelo “The Liberator”. Esses valores foram chocando-se com o conservadorismo político e passaram a incomodar segmentos de classe que se sustentavam sobre as velhas tradições e noções, por exemplo o Partido Americano ou como é conhecido em outras noções o “Verdadeiro Partido Americano” que ficou mais conhecido com os “Know nothings”³ que se baseavam na manutenção dos Estados Unidos com seus nativos “legítimos”(descendentes de escoceses, holandeses, alemães e ingleses entre outros anglo-saxões que lutaram na Guerra de Independência) pregando a inferioridade de católicos, negros e imigrantes. As discussões entre novas doutrinas e as antigas no cerne público atingia diretamente os populares nas suas concepções mais comuns como o direito de livre circular com seus escravos pelo país, de comprar negros para servi-los, de trabalhar na agricultura familiar ou de implantar esse velho modo de viver no oeste recém conquistado. Esse cenário cada vez mais fomentava a discórdia que levaria a uma guerra civil.

A Guerra do Paraguai tem raízes no conflito entre *blancos* e *colorados* no Uruguai: diante da instabilidade política e da disputa de poder no Uruguai que já tinha Argentina e Brasil em pleno confronto dentro do território uruguaio, Solano López se ofereceu para

³ - Os que “Nada sabem” uma expressão pejorativa dos demais partidos e observadores do Partido Americano.

mediar a situação, no entanto sua proposta foi recebida com sarcasmo por ambos os lados que estavam presentes dentro do Uruguai. Elaborando um plano estratégico bastante pretensioso que acreditava no recuo do Brasil e da Argentina diante do Paraguai, Solano López dava início a Guerra do Paraguai ao prender o Marques de Olinda no rio Paraguai por uma de suas canhoneiras. Existe aqueles que afirmam que por trás da iniciativa da formação da Tríplice Aliança estava a Inglaterra anseando que o Paraguai entrasse nesse dito modelo de desenvolvimento dependente de capital estrangeiro, mas na medida que o Paraguai se mostrava um país extraordinário dentro da América do Sul, extraordinário também a idéia de que se nutria o restante da América “do é preciso civilizar-se cada vez mais”. Se somarmos essas conclusões ao fato de o Paraguai ter sido em sua maioria constituído de pessoas de descendência Guarani e de que as idéias de que um processo civilizatório⁴ era necessário também, foram decisivas para a concretização do ideal que estávamos nos aliando a outros civilizados para combater os bárbaros. Idéia resgatada não só da marcha para o oeste americano, mas também da expansão para os sertões brasileiros que eram ocupados por “indígenas ferozes” (SLENES, 1997, p.235).

“O medo do escuro”: Por que se tinha tanto receio em permitir negros nas forças armadas?

Também é fato que esses homens não foram recrutados na primeira necessidade no *front*. Permitir que negros compartilhassem as linhas de batalha ombro-a-ombro com brancos foi uma decisão polêmica e longa, não somente nos lados da União e do Brasil como também nos lados Confederado e do Paraguai, por exemplo, ficou famosa a expressão “*macaquitos*”⁵ que surgiu como forma de deboche do exército brasileiro pela sua mistura racial considerada, talvez, um pouco imprópria para as concepções dos paraguaios . De maneira diferente os Confederados pensaram maneiras de desacreditar a União para

⁴ (SOUSA, p.21, 1966)

⁵ Para ver algumas charges do jornal *El Centinella* que propagou a expressão referida vide: SOUSA, Jorge Prata de. *Escravidão ou Morte : Os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Maud : ADESA, 1996.

quem os escravos estavam vendo mais vantagens em lutar enquanto discutiam a inclusão do homem negro nas frentes de batalha.

Eu tenho certeza que (numa plantação) entre cinqüenta e vinte e cinco voluntários podem ser obtidos e eles lutarão prontamente. Lutarão melhor que aqueles que são forçados a lutar. Nós devemos, já que é assim, desmoralizar as tropas de negros dos Yankees por coloca-los em seu exército, (as razões são óbvias) e eles poderão deserta-lo às centenas; (...) Eu estou certo, quando puderem todos os senhores patriotas convencer seus escravos, eles encontrarão alguém entre eles que vá ser voluntário pela liberdade e por seu lar. Deixem preparar a mente dos negros para a posição que eles vão assumir e excitem-nos em seu amor ao país e ao lar, eu acredito, (isso) existe fortemente no seio negro. (TIMES, 1864, tradução, grifos e parênteses nossos)⁶

Esses dizeres são também sinais de um exército Confederado que passa pela mesma questão do recrutamento dos negros, quando as baixas atingem 80.000 homens então a possibilidade de colocar libertos passa a ser cogitada, exatamente no ano de 1864 quando a derrota dos Confederados parece estar cada vez mais próxima. A questão também contém o famoso medo pela ordem social na adesão de negros às linhas do exército:

Agora, admitindo que nós coloquemos 25.000 negros no exército e eles cumpram seu dever então surge uma questão bastante racional; que pode fazer depois da guerra a influência exercida por esses negro nos escravos que permanecerem conosco? Podem ser ingratos (com os senhores) e solícitos (com os ainda escravos) e subverter nossa instituição, ou podem eles — como é o caso entre a população de homens livres de cor na Lousiana — ser o mais sérios defensores de sua propagação? (TIMES, 1864, tradução e parênteses nossos)⁷

Obviamente esse medo não era difundido somente entre os Confederados, a União — muito antes da discussão começar dentro dos Estados Confederados — também possuiu os que não gostaram da idéia de permitir a entrada de negros no militarismo:

“Sr. Biddle da Pensilvânia (União) no trâmite de seu discurso disse: ‘o escravo não pode ser um soldado. Coloque armas em suas mãos, e ele se torna um assassino’ (TIMES, 7. Fev. 1862)” (apud TIMES, 1862, tradução nossa)

⁶ TIMES. The Question of Arming Negrões: the móbile advertiser and register publishers the following communication. Publicado em New York Times© de 13 de outubro de 1864. Copyright © New York Times. A tradução, os grifos e os parênteses (com exceção do segundo) são nossos.

⁷ TIMES. The Question of Arming Negroes: the móbile advertiser and register publishers the following communication. Publicado em New York Times© de 13 de outubro de 1864. Copyright © New York Times. Os parênteses são nossos.

Contudo, também houve aqueles que defenderam a causa dos negros dentro do exército arduamente, inclusive citando a revolução negra de 1789 na ilha de São Domingos (Haiti).

Pelo contrário, quando os agentes Franceses ‘colocaram armas nas mãos deles’, o negro não se tornou um assassino, mas ele se tornou um eficiente policial restringindo a ferocidade do senhor e promovendo a ordem e perseverança entre negros. Isso é um fato que durou um período completo de onze ou doze anos, entre dois massacres na ilha, isso culminou nas maiores produções de açúcar e café e até então como foi provado pelas exportações. (TIMES, 1862, tradução nossa, grifo nosso)⁸

E quanto ao Brasil:

Em carta ao conselheiro Paranaguá, D. Pedro II chamava atenção para a morosidade com que eram feitas as encomendas á guerra. Referia-se claramente à compra de escravos. Nabuco de Araújo, consciente da premência, sugeriu a S.M.I que lançasse mão de todos os recursos e, sobretudo dos escravos das capitais – facilmente substituíveis por braços livres. Além disso, a aglomeração de escravos constituía um perigo à ordem pública. Faltava pois resolver a forma de intervenção na propriedade alheia, e os instrumentos jurídicos de que fazer uso para a dirimir o problema. (SOUSA, 1996, p.68, grifo nosso)

Para responder ao medo de lutar lado a lado com os negros e de sua aglomeração é preciso lembrar de uma velha tipologia⁹. De acordo com Eugene Genovese os escravos precisavam de uma significativa vantagem numérica para fazer efeito frente à vantagem militar dos brancos, contudo isso não era possível em situações habituais. Primeiro por causa do constante deslocamento para o oeste que inibia, embora não impedisse a efetivação de laços necessários à conspiração. Em segundo lugar os negros suspeitos de conspirar eram prontamente vendidos. Em terceiro lugar o remanejamento desses homens

⁸ Esse trecho refere-se à revolução negra em 1789 de São Domingos (Haiti), todavia essa memória histórica é usada para demonstrar o valor dos negros e viabiliza-los para o exército da União. Quanto à expressão “agentes franceses” provavelmente o autor do documento está referindo-se a abolicionistas franceses que colaboraram com a revolução, ou ainda a expressão pode ser traduzida como “quando os agentes franceses colocaram ‘a colônia’ em suas mãos”, pois o termo em inglês “arms” pode referir-se também a uma instituição que atua como parte de uma maior (no caso a metrópole), assim poderia o autor do artigo estar se referindo a polícia de acordo com o contexto, preferi a tradução para “armas” porque de acordo com o contexto me pareceu mais coerente, no entanto seja qual for a tradução correta o sentido permanece o mesmo para o que se refere à condição dos negros, quanto aos franceses esse ponto não nos interessa se foram abolicionistas ou não que colocaram algo nas mãos dos negros, o que importa é que de toda maneira foram defendidos para entrar no exército por causa de sua ação ‘policial’. C. The Danger of Arming Slaves. To the Editor of the New York Times:. Publicado em New York Times© de 16 de Março de 1862. Copyright © New York Times.

⁹ (GENOVESE, 1983)

era constante o que mais uma vez impedia a efetivação dos laços (pelo menos nos EUA). Em quarto lugar os escravos do ‘Velho Sul’ não ficavam muitos aglomerados, exceto em plantações de açúcar e arroz onde a vigilância era suficiente para desencorajar ações mais audaciosas. Até então não havia muito que temer de acordo com Genovese, no entanto a Guerra Civil não constituía uma situação habitual, os ex-escravos e escravos estavam em armas, taticamente treinados, inclusos nos ditames militares compartilhando do mesmo apreço pelo tiro e pela precisão tão praticado pelos brancos e ainda por cima alguns pequenos eventos alimentavam a idéia de conspiração entre os negros:

Um ex-escravo, entrevistado para a Coleção de Depoimentos de Escravos, da Universidade de Fisk, asseverou: ‘O pessoal tinha armas a vida inteira e escondia elas...’. Concordando aparentemente com o fato, o coronel Higginson achava que a maior parte dos antigos escravos que alistaram em seu regimento tinha tido alguma experiência com armas de fogo. Recentes escavações arqueológicas realizadas em senzalas oferecem novas provas nesse sentido. (GENOVESE, 1983, p.36)

Somando isso as condições do *front*, que não eram nada agradáveis, mais a instabilidade política que podia permitir a união dos negros contra o *establishment* dos dois lados da nação, uma vez que as atenções deslocadas e enfraquecidas permitiam uma atmosfera favorável a conspiração, então os brancos realmente tinham algo a temer quanto ao seu *status quo*. Mas provavelmente por força de outras circunstâncias isso não aconteceu. Pelo menos não uma revolução no sentido propriamente dito. No entanto havia algo mais que levava a certo temor da participação dos negros.

Existia também algo chamado “orgulho étnico”¹⁰. Orgulho que estava vinculado ao lugar de origem, a cor da pele e a religião, por exemplo, foi muito comum nos destacamentos de uma vila ou cidade formarem um só regimento de brancos e protestantes.

O medo de adquirir uma reputação de covardia nas suas comunidades de origem forçava muitos a superar o medo de lutar junto com os amigos e vizinhos. Essa forma particular de disciplina era reforçada pelo fato de que muitas unidades eram organizadas a partir de atividades comunitárias, tais como: associações antialcoólicas, escolas dominicais, igrejas etc. Em outros casos os regimentos eram diretamente recrutados em comunidades étnicas específicas, reforçando os vínculos entre comunidades imigrantes e o orgulho local. As relações entre os primeiros voluntários e suas comunidades permaneceram fortes até o final

¹⁰ (IZENCKSOHN,

da guerra. Elas mantiveram muitos dos veteranos empenhados na causa da união, aliando o prosseguimento da guerra com um senso forte de identidade de grupo. (IZENCKSOHN, 2001, p. 98)

Para simplificar e incrementar a idéia: “Predominava, entre a maioria branca, o sentimento de que ‘ser livre’ não queria dizer ‘ser cidadão’ e, certamente, aquela condição não colocava o ex-escravo em pé de igualdade política ou social com o homem branco” (NARO, 1987, p.35).

Obviamente, se existia esse tipo de orgulho étnico é bem provável que esses amigos, parentes, vizinhos, brancos e protestantes não se sentissem à vontade com a presença de negros, daí deduzimos que existia a segregação racial dentro do exército, inclusive em uma macro-organização que é a divisão dos regimentos, observe:

Há um outro ponto interessante sobre a importância desses notáveis. Tem sido fácil usar os negros em formações de regimentos e companhias separadas (para eles). E isso tem sido possível graças à introdução do pagamento feito aos negros para estarem nas linhas de frente dos nossos exércitos indiscriminadamente. Mas na Revolução isso foi exatamente o contrário. Havia certo número de soldados negros que se levantaram para lutar no campo de batalha com seus concidadãos brancos em muitas árduas batalhas, começando com a batalha de Bunker Hill, onde Peter Salem o homem negro foi aclamado no discurso do Sr. Everett na sua fala de inauguração da estátua do Gen. Warren(...). (TIMES, 1863, tradução nossa)¹¹

No lado dos Confederados a situação também foi interessante. Um caso em particular chama a atenção. No dia 21 de outubro de 1862 foi publicada uma matéria¹² sobre uma insurreição de escravos no estado da Virgínia. Dezesete homens negros foram enforcados por causa de uma insurreição a favor de sua liberdade, o jornal deixa claro que o possível motivo do ato de revolta:

Dois terços dos escravos da Virgínia já ouviram acerca da proclamação do presidente Lincoln e sabem que são livres, e acham que se deve afastar o exército rebelde de sua posição atual, outra rebelião como a de Nat Turner pode acontecer na Virgínia Ocidental e Central. (TIMES, 1862, tradução nossa)

¹¹ TIMES. The Negro Soldier Question. Publicado em New York Times© de 18 de outubro de 1863. Copyright © New York Times. A tradução e os parênteses são nossos.

¹² Essa matéria foi primeiramente retirada do *The Washington Republican* de onde apenas um parágrafo seu foi utilizado, o restante da matéria é um comentário da edição e um complemento de um informante no Estado da Virgínia. TIMES. Terror in Virginia: a slave insurrection feared in Culpepper – seventeen negroes reported to be hung &c.. Publicado em New York Times© de 21 de outubro de 1862. Copyright © New York Times.

Efetivamente é disso que os brancos tinham medo, que os negros a favor de uma causa que os favorecesse mais pudessem rebelar-se. Neste caso os negros voltaram-se contra o exército dos Confederados por causa da primeira Proclamação de Emancipação de setembro de 1862 que não se sabe ao certo sua causa de acordo com alguns:

No segundo ano de guerra, o presidente Lincoln, preocupado em salvar a união dos estados, declarou que a escravidão estava abolida. Assim, visava transformar milhares de ‘não-cidadãos’ em cidadãos e eliminar para sempre o que, para ele, foi o mal moral que causou o cisma entre o Norte e o Sul. As conseqüências desta medida seriam sentidas através da sociedade americana a partir do fim da guerra de 1865. (NARO, 1987)

Já noutro ponto de vista que parte do segundo ato de confiscação de Julho de 1862:

Na sua Proclamação Preliminar de Emancipação de Setembro, Lincoln foi além de só anunciar a liberdade para os escravos dentro das fronteiras da União, mesmo onde a autoridade da União não alcançar (a proclamação é válida). A questão da proclamação foi um fato ditado por outros fatores, especialmente a opinião pública nos lares em geral. (SPARKS, 1860, p.331, tradução nossa, parênteses nossos)

Obviamente aqueles que contribuíram para a Proclamação Preliminar de Emancipação estavam certos que os escravos do Sul fariam uma opção pela União nessa Guerra. E talvez esse tenha sido o momento decisivo.

Quanto ao Brasil o receio em permitir o recrutamento de homens de pele negra reflete nos mesmos ditames. De início os primeiros a ver com maus olhos o recrutamento dos negros foram às famílias abastadas de onde provinham os jovens graduados da guarda nacional. Equiparar o negro com o branco ainda não fazia parte da cartilha do Brasil Imperial do século XIX. Vamos voltar mais uma vez a tipologia de Eugene Genovese, a qual nos é útil na medida em que estabelece uma série de circunstâncias que podem ou não propiciar insurreições, e assim podemos construir um quadro capaz de diferenciar qual situação entre as duas Guerras é mais ou menos propicia a revoltas e em que elas se aproximam, mesmo que, como já disse essa tipologia não oferece resultados como um axioma social. Em um país como o Brasil que desde os primeiros dias do sistema escravagista os negros ultrapassaram os brancos em número relevante é um primeiro fator que coloca os negros em estado inclinado à revolta. Em segundo lugar temos os escravos, libertos e fugidos com armas em punho o que como foi bem definido para nós por Joaquim

Nabuco Araújo como uma “ameaça à ordem pública”. O Brasil aparentemente não constituía assim um “caldeirão de bruxa” tão próximo das revoltas como os Estados Unidos, mas isso não quer dizer que uma revolta, uma revolução não fossem menos propícias de acontecer. Mas ao que parece não foram somente essas condições que propiciaram tamanho medo no Brasil. Embora a tipologia de Genovese nos seja bastante útil pude constatar um exemplo de *exceção ao caso* para essa tipologia. Especulo me valendo das conclusões de Hebe M. Mattos de Castro que existia também uma enorme paranóia dos senhores em relação aos escravos. Na cabeça dos senhores eles podiam estar sempre a espreita de mata-los em um motim ou conspiração dentro dos seus domínios. Isso me apraz bastante no que Mattos de Castro chama de “onda negra”:

“Diversos autores têm enfatizado que o custo da vigilância e disciplinarização dos cativos tornou-se extremamente elevado, em especial no Oeste paulista, após 1850. É bastante difícil comprovar um aumento das ações criminosas dos cativos, para além da paranóia senhorial, no contexto do que se chamou de ‘onda negra’. Não é, entretanto, o número de atentados violentos a senhores e feitores que deve ser contabilizado, mas a inflexão do discurso que os cativos apresentaram nessas ocasiões.” (MATTOS DE CASTRO, p.357, 1997)

Os cativos tendiam a manter o mesmo discurso de que o senhor os proporcionava um “mau-cativeiro” que pôde sem dúvida alguma ter contribuído para o alistamento voluntário dos homens de cor, para esperanças de liberdade através da alforria ou da fuga. De outra maneira o “mau-cativeiro” e suas conseqüências criminosas por parte dos escravos sobre seus donos, contribuiu sem dúvida para a disseminação dessa paranóia senhorial que ao mesmo tempo também contribuiu para o medo de recrutar homens negros (em especial escravos). Essa minha breve conclusão demonstra como o medo de recrutar homens negros, foram provenientes das práticas que quebravam o “contrato social” entre negros e senhores contribuindo para os atos criminosos que por sua vez alimentavam esse medo. Veja um exemplo também citado por Mattos de Castro:

“(...)respondeu que sendo falecido senhor dito João Pereira de Sousa mau senhor, tirando tanto a ele interrogado e seus parceiros os Domingos e dias Santos, maltratando de comida, vestuário, resolveu na madrugada do dia 26 do mês e ano próximo passado acabar com o dito senhor.” (apud MATTOS DE CASTRO, p.357, 1997)

Considerações Finais:

No decorrer das guerras Civil e do Paraguai, a falta de entusiasmo popular aliada ao estágio pouco avançado da burocracia e à longa duração das campanhas criou uma série de conflitos entre forças provinciais, federais e imperiais, entre homens comuns e recrutadores, entre negros escravos e senhores confederados, entre recrutadores e homens da Guarda Nacional entre outros que refletiram a tensão social no campo e nas cidades dos EUA e do Brasil.

Por fim, por meio da pesquisa chegamos a conclusão que tanto os brasileiros quanto os norte-americanos de cunho mais conservador recearam no recrutamento de homens negros primeiramente acreditavam que o negro era algo de que deviam defender-se por acreditarem num perigo ao *status quo* dos dois estados. Talvez houvesse o medo de que esses homens ao formarem um bloco armado voltassem-se para as estruturas que os aprisionavam. Esse medo é plenamente constatável por exemplo na ocorrência do assunto sobre insurreições de escravos nos Estados Unidos. Quando acessei a plataforma de bancos de dados do *Google News Archive Search* que é uma ferramenta que rastreia em todo o mundo artigos de jornais que se refiram ao assunto, fiz uma pesquisa e constatei 2.160 artigos que ao menos citavam “insurreição” ou “negros” de 1860 a 1879 em todos os jornais que possuíam arquivos digitalizados e com conexão a rede. Estimo que desses 2.160 artigos 1728 refiram-se direta ou indiretamente ao assunto, isso representa 80% dos artigos rastreados e ao mesmo tempo nos diz que foi aproximadamente um artigo a cada quatro dias durante esses 19 anos, demonstrando-nos uma verdadeira paranóia nos Estados Unidos. Reduzindo o corte temporal para apenas dois anos (1860-1861) obtive 375 resultados para o mesmo assunto, de onde 7 resultados precisos a cada 10 artigos tratavam direta ou indiretamente do assunto, isso nos dá a cifra de 262 artigos. Aproximadamente foi publicado 1 artigo sobre o assunto para cada 3 dias nessa segunda pesquisa, e isso mostra que nesse período a ocorrência desse assunto foi 33,3% maior que no decorrer dos 17 anos posteriores¹³. Esse aumento da ocorrência desse assunto nos jornais nas vésperas e no início

¹³ Nessa pesquisa estatística também consideramos o domingo com sendo um dia de publicação, de acordo com a história do *New York Times* em que alguns períodos existiram publicações dominicais como durante a

da Guerra de Secessão nos leva a acreditar que como a guerra representava já uma mudança no *establishment* americano em favor dos negros provocou discussões, previsões e notícias sobre insurreições escravas denunciando o “medo do escuro” em recrutar esses homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Recursos Primários:

SOUSA, Jorge Prata de. *Escravidão ou Morte : Os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Maud : ADESA, 1996.

SLENES, Robert W. “Senhores Subalternos no Oeste paulista” In. NOVAIS, Fernando A. et ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “História da Vida Privada no Brasil” Volume 2. – São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

MATTOS DE CASTRO, Hebe M.. “Laços de família e direitos no final da escravidão” In. _____. Volume 2. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TIMES, Corn. The Question of Arming Negroes: the móbile advertiser and register publishers the following communication. Publicado em New York Times© de 13 de outubro de 1864. Copyright © New York Times.

TIMES. The Danger of Arming Slaves. To the Editor of the New York Times:. Publicado em New York Times© de 16 de Março de 1862. Copyright © New York Times.

TIMES. The Negro Soldier Question. Publicado em New York Times© de 18 de outubro de 1863. Copyright © New York Times.

TIMES. Terror in Virginia: a slave insurrection feared in Culpepper – seventeen negroes reported to be hung &c.. Publicado em New York Times© de 21 de outubro de 1862. Copyright © New York Times.

Recursos Secundários:

GENOVESE, Eugene. As revoltas de escravos em uma perspectiva hemisférica. In *Da rebelião à revolução*. São Paulo: Global, 1983, pp.25-61.

GEWEHR, GORDON, SPARKS et STROMBERG, Wesley M., Donald C., David S., Roland N. Fifteen Chapter: The Civil War. In *The United States: a history of a democracy*. 2º edição – McGraw-Hill Book Company, Inc. United States of America, 1960.

HOBSBAWN, Eric J. “Conflitos e Guerra” In. “A Era do Capital: 1848-1875”. Tradução de Luciano Costa Neto.

IZENCKSOHN, Vitor. Resistência ao recrutamento para o exército durante as guerras Civil e do Paraguai. Brasil e Estados Unidos na década de 1860. In *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº27, 2001. p84-109.

MOORE, Barrington _ Jr. A Guerra Civil Americana: a última revolução capitalista. In *As origens sociais da ditadura e da democracia*. Tradução de Maria Ludovina F. Couto – São Paulo: Martins Fontes, 1983.

NARO, Nancy Priscilla S. A formação dos Estados Unidos: o expansionismo americano: quem é cidadão nos EUA?: escravidão e guerra civil – 3ed. – São Paulo: Atual: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

Recursos Terciários (Usados como auxiliares na tradução dos textos):

SINGH, Simon. “Le Chiffre Indéchiffrable” In. “O Livro dos Códigos”- tradução de Jorge Calife. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

COBUILD, Collins. Collins Cobuild English Dictionary for Advanced Learners. 3ªed. – Harpers Collins Publishers Ltda. 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da Língua Portuguesa; coordenação de Marina Baird Ferreira, Margarida do Anjos; Equipe Elza Tavares Ferreira [et al]. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Sites Consultados:

www.nytimes.com (alguns documentos citados aqui podem ser encontrados nesse endereço na seção *archives* pagando-se entre U\$1,00 e U\$3,00).

www.googlenews.com/archivesearch (rastreador de artigos de jornais digitalizados em todo o mundo, também traça gráficos de ocorrência de uma determinado assunto em uma linha do tempo.)